

# “Ao que Lavra, Cumpre Fazê-lo com Esperança”

## O “Princípio Esperança” à Luz das Cartas Paulinas<sup>1</sup>

Nélio Schneider

### I.

O tema “esperança” tem certa tradição aqui nesta casa. No ano de 1968 G. Brakemeier proferiu sua preleção inaugural sob o título “A Esperança na Segunda Vinda de Cristo em Sua Importância para a Teologia do Apóstolo Paulo”<sup>2</sup>. Em 1974 H. Brandt publicou um artigo (“um diálogo crítico”) sob o título “Ética e Esperança”<sup>3</sup>, em comemoração aos 10 anos da *Teologia da Esperança* de J. Moltmann. No 2º semestre de 1977 aconteceu um ciclo de palestras sobre o tema “Prestar Contas da Esperança que Há em Vós (1 Pe 3.15) — na Realidade de Hoje”, sobre o qual estão publicadas palestras de J. Fischer<sup>4</sup>, E. Gerstenberger<sup>5</sup> e H. Brandt<sup>6</sup>. Em 1978 foi tema de consulta internacional da Comissão de Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) em Bangalore/Índia, na qual Nelson Kirst esteve representando a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)<sup>7</sup>. Mais recentemente, em 1984, G. Brakemeier publicou o seu livro *Reino de Deus e Esperança Apocalíptica*, contendo uma análise bastante abrangente de toda a temática da esperança<sup>8</sup>.

Como o título do trabalho indica, emprego a expressão “princípio esperança”; estou consciente da origem da mesma na filosofia da esperança de Ernst Bloch<sup>9</sup> e da influência que esta exerceu sobre a formulação da *Teologia da Esperança* de J. Moltmann<sup>10</sup>. Sem entrar em toda a discussão passada<sup>11</sup>, pretendo ressaltar a importância da categoria teológica da esperança como um princípio de vida. Isto não precisa necessariamente implicar uma redução da esperança ao imanente ou à antropologia. Pode demonstrar também a sua relevância para o presente. Creio que um “princípio esperança” *que brota da fé cristã* é relevante exatamente para marcar o limite das posições extremas do materialismo e do conformismo de um lado e do apocalipsismo radical de outro<sup>12</sup>.

## II.

Escreve Hans Walter Wolff em sua *Antropologia do Antigo Testamento*: “Expectativa do futuro pertence à essência do homem (...).”<sup>13</sup> Ela é “um distintivo que caracteriza a vida humana no tempo”<sup>14</sup>. O *Vocabulário Bíblico* introduz o assunto da seguinte maneira: “Para que se possa viver é preciso ter um futuro (...). Ora, ter um futuro é ter uma esperança, boa ou má. A esperança pertence à vida. (...) Assim, as coisas que esperamos, e como as esperamos, fazem parte daquilo que somos.”<sup>15</sup> Como diz o ditado: “Enquanto há esperança há vida!” Perguntamos, porém, imediatamente: que esperança? que vida?

Inicialmente lembramos aqueles que pensam não necessitar da esperança, por poderem constatar à sua volta a concretização aparente de todas as suas esperanças. Aqueles que trocaram sua vida, sua fé e sua capacidade de amar pela realização de uma esperança puramente imanente. Aqueles que cederam à tentação de quem disse: “Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares” e fizeram das riquezas e bens materiais a negação da vida e da esperança. São os que dispensam a promessa de um novo céu e de uma nova terra. Pensam tê-los conquistado, transformando os dos demais num inferno.

Em conseqüência disso temos a lamentar que, para muitos brasileiros e muitas brasileiras, esperança é o único conteúdo positivo da vida. Estão sempre a esperar: melhores condições de vida, melhores salários, melhores dias; esperam um dia “raspar” o futuro. Esperam, porque é o que lhes resta. É a esperança que morre por último, como condição de impotência diante da realidade. É, na verdade, a des-espurança, o cansaço, a entrega da vida à sorte ou à morte. Em cima desta postura os que mandam fazem o seu negócio. Alimentam a esperança do povo a conta-gotas. Dão-lhe, vez por outra, a sensação de estar conseguindo algo, para que a esperança não morra antes da hora. Porém sempre conseguem impedir que a esperança maior se realize. São espertos no negócio: trocam migalhas de esperança pela vida daqueles que vivem de esperar. Até que estes também desesperam de esperar e colocam sua única esperança na morte<sup>16</sup>.

Certamente não estamos nem entre os primeiros nem entre os últimos, embora soframos junto a manipulação da esperança em nosso tempo. Sofremos com o desespero dos desesperados. Somos também manipulados. Mas ainda estamos tão bem que temos a possibilidade de diluir a radicalidade da esperança cristã. Desfizemo-nos da radicalidade na busca do bem-melhor que nos foi prometido em troca do bem que ainda possuímos. Preferimos comer o prato de lentilhas de uma comodidade passageira a atravessar a fome que leva à herança plena. Nossa esperança não morreu, mas foi sensivelmente reduzida.

Precisamos certificar-nos constantemente do fundamento de nossa fé e de nossa esperança. “Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olhar

para trás é apto para o reino de Deus.” (Lc 9.62.) Precisamos desta palavra de Jesus para nos manter vigilantes e com a visão aguçada. Temos um ministério profético. Não são poucos os que, nos tempos de crise e incerteza que vivemos, sentem saudade das “panelas de carne” da ditadura militar. E também não são poucos os que, desistindo da busca pelo bem-melhor da esperança, viram “estátuas de sal”, com o olhar fixo no bem que ainda têm.

Houve o tempo dos grandes projetos da esperança. Tempo em que se pensava poder construir o reino de Deus com a força de muitos. Chegou, porém, o tempo de uma maior sobriedade. Chegamos ao limite das nossas forças e dos grandes sonhos a elas ligados. É tempo de recuperar o valor da força da esperança para o cotidiano de nossa luta contra as forças do mal e em prol da vinda do reino de Deus. Penso que precisamos recuperar para nós a *radicalidade cotidiana da esperança*. E o apóstolo Paulo representa bem a imensa expectativa de transformação de toda realidade existente, por um lado, e a paciência dos pequenos passos cotidianos que podemos dar, por outro. É a estes que quero destacar.

### III.

O ponto de partida de nossas considerações sobre o “princípio esperança” é a metáfora do lavrador, empregada por Paulo em 1 Co 9.10. Ali a figura do agricultor aparece num contexto bastante peculiar: Paulo procura mostrar que teria bons argumentos para fundamentar o seu direito de se deixar sustentar pela comunidade. Como argumento, Paulo, o cristão urbano, usa metáforas, três de atividades agrícolas, uma pastoril e uma do âmbito militar. Destaco as quatro primeiras: quem planta uma vinha, naturalmente o faz na esperança de comer uvas (9.7); é natural que quem cuida de um rebanho espere se alimentar do leite dos animais (9.7); quem pisa o grão o faz na esperança de receber a sua parte (9.10). Assim como um lavrador faz seu trabalho na esperança de colher e se alimentar do fruto do mesmo, da mesma maneira também o apóstolo tem o direito de esperar que seu trabalho lhe traga ao menos o sustento físico adequado. Ele pergunta: “Se semearmos entre vós os bens espirituais, será abusivo que colhemos dos vossos bens materiais?” (9.11.) E responde: “Da mesma forma o Senhor ordenou àqueles que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho.” (9.14.) Vemos o apóstolo cômico dos seus direitos. Esta argumentação poderia até parecer suspeita se o objetivo de Paulo não fosse exatamente o oposto. Apesar de poder exigir com bons argumentos seu sustento por parte da comunidade, ele desiste voluntariamente disso para não criar problemas para a divulgação do evangelho. Em nome de uma esperança maior, ele desiste da esperança natural de um sustento justo. Tendo diante dos olhos o “incomparavelmente melhor” da esperança, abre mão do bom de uma comodidade temporária.

Por isso a metáfora do lavrador é interessante. Vamos abstrair por um momento do objetivo com que foi empregada no contexto em que se encontra e aplicá-la à esperança maior a mover o apóstolo Paulo. Ao fazermos isto, a figura do lavrador se torna parábola do “princípio esperança”. Identificamos o apóstolo Paulo como o lavrador, a preparar o campo para o seu Senhor. “Ao que lavra, cumpre fazê-lo com esperança”. O que move o lavrador a trabalhar são expectativas cotidianas bem específicas, bem concretas: a colheita e a satisfação de suas necessidades. Quais são as esperanças cotidianas do apóstolo Paulo?

#### IV.

Conhecemos, pelos menos em parte, as esperanças de Paulo no dia-a-dia de sua atividade missionária. A fórmula que emprega em suas cartas para expressá-las é *elpitso gar/de*<sup>17</sup>. Em *Rm 15.23-24* Paulo usa esta expressão para reforçar seu desejo de ver a comunidade de Roma em sua viagem para a Espanha. Visitar Roma é um plano há muito acalentado (*Rm 15.22; 1.13*). O desejo de chegar àquela cidade não é, porém, puramente pessoal; está, antes, ligado diretamente com o objetivo maior do apóstolo: a divulgação do evangelho pelo mundo todo. Por isto o “espero vê-los” faz parte do preparo do solo para a concretização da esperança escatológica. Também em *1 Co 16.7*, onde Paulo espera passar um tempo maior com os cristãos de Corinto, seus planos pessoais estão relacionados com seu objetivo maior. Em *Fp 2.19-24*, Paulo está preocupado com a comunidade de Filipos e espera poder enviar Timóteo para que este traga notícias e colabore na promoção “da causa de Cristo” (vv. 19 e 23), desejando ele mesmo ir em breve visitá-los (v. 24). Em *Fm 22* Paulo expressa a esperança de ser libertado em breve da prisão e ser “presenteado” aos da casa de Filemon (cf. *Fp 1.20*). A palavra *elpitso*<sup>18</sup> expressa uma esperança bem concreta em função da esperança maior. Assim em relação à comunidade de Corinto, da qual Paulo espera que cresça na compreensão da mensagem transmitida em suas cartas e não entenda mal seu sentido (*2 Co 1.13*), o que equivaleria a entender mal o sentido do evangelho, lançando dúvidas sobre sua mensagem (*2 Co 5.11; 13.6*). Paulo pode expressar o mesmo usando o substantivo *elpis*<sup>19</sup>, o que reforça ainda mais o sentido da esperança concreta: em relação aos coríntios ele tem a firme esperança de que sejam consolados dos sofrimentos por que passam (*2 Co 1.7*). Aqui a esperança tem um elemento de convicção, de certeza em meio à preocupação pelo bem-estar da comunidade. O uso do substantivo no sentido descrito ocorre também em *2 Co 10.15*: Paulo tem esperança de que o crescimento da fé dos coríntios venha a engrandecer a sua própria imagem, o que, segundo ele, viria em benefício do anúncio do evangelho tanto em Corinto como além dessa cidade. Vemos aqui que as esperanças bem concretas do apóstolo Paulo estão relacionadas

com a sua vocação, havendo uma identificação de seu cotidiano com seu trabalho em favor do evangelho<sup>20</sup>. Vemos, portanto, o princípio esperança ativo no cotidiano do apóstolo, orientando seus planos e sua visão da tarefa a cumprir. O trabalho paciente do lavrador tem sentido a partir do objetivo com que é feito.

Mas em que se baseiam essas esperanças cotidianas? Certamente não em suas realizações visíveis, pois o trabalho do apóstolo acontece em meio a muita tentação e muito sofrimento. Necessidades físicas e materiais, doença, mal-entendidos, brigas, divisões nas comunidades, preocupações, perseguições (cf. 2 Co 11.23ss.). O trabalho do lavrador é árduo, o chão é duro. Ele vive a esperança sob o signo da cruz (2 Co 4.7-12). A cruz é o que os olhos captam. O visível não é fonte de esperança. Ao contrário, o que os olhos vêem geralmente se contrapõe à esperança: “Esperança que se vê não é esperança; pois quem espera o que vê?” (Rm 8.24b.) “Esperamos o que não vemos.” (Rm 8.25a<sup>21</sup>.) O que vemos agora provoca o “lamentar (*stenatso*)” (Rm 8.23), do qual participa toda a criação, que “lamenta e sofre dores com” (Rm 8.22) os que anseiam pela salvação. A realidade presente contrasta com a esperança. A cruz impulsiona a esperança somente *sub contrario*. A dor e o sofrimento ativam o “princípio esperança”, fazendo crescer a expectativa da realização plena da salvação. O sofrimento e o esforço do presente constituem uma provação que produz esperança (Rm 5.4). Nisso consiste o aspecto positivo da realidade visível: com sua negação da esperança pelos “sofrimentos do presente” ela provoca em quem crê uma expectativa tanto maior voltada para o “incomparavelmente melhor” prometido por Deus (Rm 8.18). Isto pode, mas não precisa estimular uma fuga da realidade. A consequência mais certa é a reação frente à realidade. A esperança se torna, então, um princípio crítico em relação à realidade. Esta não contém em si mesma nenhuma fonte de esperança. O lavrador não tira sua esperança do chão duro que cultiva. Ele olha para além do mesmo. Assim, o apóstolo também olha com os olhos da fé e da esperança para além da realidade, esperando que surja através dela a plenitude da salvação ainda ausente. “Na esperança fomos salvos.” (Rm 8.24a.)

Por não se basear na realidade presente, a esperança não depende da mesma e nem se realiza dentro da mesma. A esperança transcende a realidade. Quem crê olha para além do que vê. Por isso é capaz de “ter esperança contra toda esperança” (Rm 4.18), como Abraão, que manteve a esperança de ser pai até para além das limitações biológicas, suas e de sua esposa. Uma esperança puramente imanente não é esperança cristã. Limitar-se ao visível aqui e agora é traçar uma caricatura malfeita da dimensão abrangente da promessa e da obra de Deus em Jesus Cristo. É desenhar uma esperança que morre, mesmo que por último. Por isso Paulo pode afirmar em 1 Co 15.19: “Se temos esperança em Cristo tão-somente para esta vida, de todas as pessoas somos as mais dignas de compaixão.” O lavrador não amolda sua esperança ao chão, mas, ativado pela esperança, transforma o

chão. O “princípio esperança” é transformador da realidade, porque se inspira numa promessa de realidade “incomparavelmente melhor”. Ele “pode ser a força que determina o presente”<sup>22</sup>.

## V.

Mas o que é esse “incomparavelmente melhor”? Qual é o conteúdo da esperança para Paulo? De maneira geral, é todo o bem que se pode esperar de Deus e que só pode ser descrito parcialmente com figuras e metáforas de nossa realidade. É algo incomparável. Positivamente é “ser salvo” (Rm 8.24a), o que, no contexto desta passagem, significa “a redenção do corpo”, “a adoção como filho” (8.23), “ser libertado da prisão da mortalidade”, “a liberdade da glória de ser filho de Deus” (8.21)<sup>23</sup>. Ser salvo é estar livre da ira de Deus (1 Ts 5.9). A salvação é, para Paulo, a atribuição da glória de Deus; o contrário é “carecer da glória de Deus” (Rm 3.23). Ser salvo é receber a imagem do filho de Deus (Rm 8.29). *Soteria*<sup>24</sup> é, portanto, em primeiro lugar, um conceito “escatológico futuro”<sup>25</sup>, diferenciando-se nisto dos conceitos “justificação” (Rm 5.1,9; cf. Gl 5.5) e “reconciliação” (Rm 5.9-11; 2 Co 5.17-19), em cujo uso predomina o tempo passado.

Mas o conteúdo central da esperança é formulado por Paulo como “ressurreição dos mortos”, com base no fato concreto da ressurreição de Jesus Cristo (1 Co 15.19-22; cf. 1 Pe 1.3)<sup>26</sup>. Parece que essa esperança fundamental para Paulo foi a que mais causou espanto e mal-entendidos entre os que ouviram sua pregação (cf. At 23.6; 26.6,7; 28.20). Os coríntios, por exemplo, entenderam a mensagem de uma forma bem diferente. Entenderam que a ressurreição se realiza no presente (v. 19a). Assim sendo, nada resta para além da morte (v. 19; 1 Ts 4.13; cf. Ef 2.12). Com isso desfizeram o ponto essencial da esperança cristã e reduziram-na ao aspecto visível, ao prazer de agora. “Comamos e bebamos que amanhã morreremos.” (V. 32b.) Para o apóstolo o fato da ressurreição dos mortos está, de qualquer maneira, assegurado pela ressurreição de Cristo, sendo esta a base da sua e da nossa esperança.

O *mysterion* (1 Co 15.51) se refere à forma como acontecerá a ressurreição. Para tentar satisfazer a curiosidade da fé, que quer ver antes do tempo, Paulo usa diversas metáforas com as quais tenta visualizar o incomparável da esperança (1 Co 15.35-49). Segundo Conzelmann<sup>27</sup>, tanto esta passagem como a de 2 Co 5 mostram não só o conflito entre Paulo e seus críticos em Corinto, mas também o conflito de Paulo consigo mesmo: “O profundo conflito entre o que se quer indicar e os meios descritivos de que se dispõe, entre futuro, esperança por um lado e concepção antropológica por outro”. As metáforas da semente e dos corpos, do vestir-se ou da chegada triunfal do rei vitorioso são tentativas de descrever o que ainda não foi visto. Paulo emprega figuras tiradas do contexto grego/gnóstico (1 Co 15; 2

Co 5), como também motivos apocalípticos (1 Ts 4.13-18; Fp 4.5; 1 Co 7.29; 15.51; Rm 13.11). Mas ele é reticente em desenvolvê-los. No fundo são somente imagens da esperança, difusas como as refletidas num espelho rudimentar (1 Co 13.12). Em Paulo as imagens do futuro não são um tema para si; ele as usa no contexto da parênese, isto é, para consolar (1 Ts 4) ou para corrigir idéias erradas (1 Co 15; 2 Co 5)<sup>28</sup>. Além disso, não há um ideário coerente sobre os acontecimentos futuros em suas cartas: compare 1 Ts 4/1 Co 15 com Fp 1.21-23 sobre a ressurreição; veja também 2 Co 5.1ss.<sup>29</sup> Não se trata de dizer como exatamente *vai* ser, mas de dar uma idéia de como *pode* ser. Isso indica que as metáforas não ocupam um lugar para si nem são indispensáveis para a esperança, o que não quer dizer que tenham de ser necessariamente negativas ou prejudiciais.

Uma observação ainda: ao referir-se às imagens do futuro e aos acontecimentos relacionados ao porvir da esperança, Paulo não emprega os termos *elpitsein/elpis*<sup>30</sup>, mas *apekdechomai/apokaradokia*<sup>31</sup>. Estes indicam mais o aguardar de algo que na fé está assegurado. Assim quando se refere à expectativa da libertação da criação (Rm 8.19,23,25) e à revelação/parússia do Senhor Jesus Cristo (1 Co 1.7; Fp 3.20; cf. Hb 9.28). O fato em si está assegurado na promessa do Deus da esperança, independentemente de as imagens do futuro serem adequadas. Por isso Paulo podia aguardar a realização da promessa com tranqüilidade, e mesmo a sua demora de maneira alguma poderia invalidar a esperança ou abalar a fé.

Se a forma do acontecimento é questão aberta, não o é para Paulo o fato como tal. Ele espera a realização plena do todo da esperança ainda para o período de sua vida. E não há aí, como pensaram alguns, nenhuma mudança de perspectiva no decorrer da vida do apóstolo. A expectativa da parússia para breve é uma constante em todas as suas cartas: 1 Ts 4.15-17; 1 Co 7.29; 15.52; Fp 4.5; Rm 13.11. Também quando se refere ao dia do juízo tem em mente um futuro próximo: Rm 13.12. A ética cristã e missionária, como também o pensamento teológico de Paulo, são determinados fundamentalmente por essa perspectiva de plenitude iminente<sup>32</sup>. Esse não é o único motivo de sua urgência missionária<sup>33</sup>, mas sem dúvida constitui um fator de peso. O aspecto da iminência, no entanto, não chegava a ser, para Paulo, decisivo para a fé e a esperança. Isso é evidente no caso dos cristãos de Tessalônica: o fato de alguns terem morrido antes da parússia não implicava desvantagem. Também para si Paulo não iria temer no caso da não-realização imediata do reino de Deus. O equilíbrio está no duplo aspecto da esperança: “(...) Paulo combina a esperança segura de que o tempo da salvação final virá em breve mediante a aparição do Cristo, com a certeza de que a salvação final já se iniciou através do agir de Deus em Cristo”<sup>34</sup>.

Gostaria de mencionar ainda dois aspectos da esperança mais abrangente do apóstolo Paulo. a) Uma esperança bem específica é expressa por Paulo em Rm 9-11: a salvação de todo o Israel (11.26), baseada na aliança e nas promessas de Deus a Israel (11.1s). b) Outra expectativa mais abran-

gente se refere a toda a criação (Rm 8.19-23). A salvação é definida a partir da ressurreição de Cristo como nova criação (2 Co 5.17; 1 Co 15.21s; Rm 4.17), que abrange não só o elemento humano, mas a totalidade do mundo criado.

## VI.

Qual o fundamento da esperança do apóstolo? É o “Deus da esperança” (Rm 15.13)<sup>35</sup>, o autor de toda a esperança cristã, destinando toda a criação para a vida (1 Ts 5.9-10) por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo (1 Co 15; Rm 14.9; 1 Ts 4.14). Esse Deus é o que “vivifica os mortos e chama de existente o que não existe” (Rm 4.17). Deus cria um fato novo para além da realidade presente e convida a criatura através da pregação do evangelho a colocar toda a fé e esperança nele. Com base nesse fato, o cosmos já é nova criação (2 Co 5.17), embora aguardando a plenitude da promessa (Rm 8.19ss.). Ressurreição é nova criação<sup>36</sup>.

Com isso Deus coloca na mão de quem crê, em especial do apóstolo, a pressuposição para uma nova maneira de viver. Diante de uma grande ameaça, que praticamente o fez desesperar da vida, Paulo experimentou “no Deus que ressuscita os mortos” o livramento e a esperança “de que Deus continuará a livrá-lo” da morte (2 Co 1.8-11). “Aquele que perder a sua vida por minha causa, irá salvá-la.” A esperança cristã não necessita se agarrar à vida presente, pois tem uma incomparavelmente melhor prometida. Isso não é fuga do mundo, mas liberdade diante do limite maior da realidade presente, da morte. Tal fato é motivo de alegria (Rm 12.12) e até de certo orgulho (Rm 5.2; cf. Hb 3.6), baseado na certeza de que a esperança não vai ser motivo de envergonhar-se (Rm 5.5; Fp 1.20; cf. Rm 1.16); disso resulta a *parresia*, a liberdade de proclamar a esperança contra toda esperança (2 Co 3.12; Fp 1.20; Rm 5.5).

A pressuposição básica desse novo modo de vida se chama Espírito Santo, “o qual nos foi dado” (Rm 5.5) como garantia da esperança (2 Co 1.22; 5.5) ou como primeiro fruto da mesma (Rm 8.23). “O Espírito une o presente ao futuro, permite aguardar no presente o futuro, *promete no presente o futuro.*”<sup>37</sup>

## VII.

O “princípio esperança” está localizado entre a fé e o amor. Fundamenta-se na e alimenta-se da fé no Deus que ressuscita os mortos e antecipa-se através do amor ao próximo. Com o triplo aspecto fé-esperança-amor e com cada um dos elementos em separado se descreve o todo da existência cristã (v. 1 Co 13.13; 1 Ts 1.3; 5.8; cf. Cl 1.4s.; 1 Pe 1.21s.; Hb 10.22-24). A esperança é um elemento de ligação determinante da ética cris-



tã; os frutos do Espírito são os frutos da esperança. A passagem que une numa só frase o Espírito, a esperança, a fé e o amor é Gl 5.5-6: “Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé. Porque em Cristo Jesus nem a circuncisão nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor.” No Espírito e a partir da fé aguardamos que se realize a esperança de uma realidade de justiça; decisiva, enquanto aguardamos, é a “fé que atua pelo amor”. Quem ama, tudo espera (1 Co 13.7). Para Deus não existe caso sem esperança.

Assim, a mensagem da esperança de Paulo tem um direcionamento parenético fundamental<sup>38</sup>. Tem a função de consolar, corrigir ou prevenir atitudes ou concepções erradas. A postura de quem tem esperança é a de vigiar, a de estar acordado e sóbrio (*gregoreo*: 1 Co 16.13; 1 Ts 5.6,10; cf. Rm 13.12s.). Condizem com ela a perseverança, a paciência (1 Ts 1.3; Rm 5.4; 8.25; 15.4; 1 Co 13.7). É, portanto, um princípio de vida que proporciona uma atitude “firme, corajosa e forte” (1 Co 16.13). Tem a ver com a *parresia* mencionada acima. A esperança está intrinsecamente ligada ao cotidiano: é ter consciência de que “vosso esforço não é em vão no Senhor” (1 Co 15.58). A esperança tem, assim, um aspecto de resistência. Não uma resistência passiva, mas uma resistência ativa e transformadora. Enquanto espera, age. “Quem espera em Cristo não pode mais contentar-se com a realidade dada, mas começa a sofrer por causa dela, a contradizê-la.”<sup>39</sup>

Frente a princípios tão promissores poderíamos manifestar a nossa estranheza diante do fato de Paulo não ter tirado conseqüências mais precisas relacionadas com as questões sociais do seu tempo ou até com os problemas que nos ocupam atualmente. Ele não lutou pela abolição da escravidão, não lutou pelos direitos humanos, nem pelos da mulher, não foi diretamente crítico em relação às autoridades, não abordou a questão da pobreza nem combateu a destruição da natureza<sup>40</sup>. E, no entanto, tudo isso está implícito em sua teologia. Ele tinha uma boa razão para não se ocupar a fundo com as questões acima. Sua prioridade era outra, como não poderia deixar de ser. Quem espera a realização de toda a esperança para breve, como conseqüência imediata da promessa de Deus, terá urgência em divulgar essa promessa. O lavrador precisa estar com o solo preparado e a sementeira feita para que chegue o tempo da colheita. Foi o que Paulo fez, e ele não precisa se desculpar por não ter aprofundado as conseqüências práticas de sua esperança, nem nós precisamos desculpá-lo.

No entanto, precisaremos nos desculpar e iremos nos sentir culpados se não tirarmos, dois mil anos depois, as conclusões mais profundas que brotam do “princípio esperança”, como bem o formulou W. Schweizer em sua ética:

A esperança inabalável pelo futuro alimenta a fé e desperta o amor apto para a boa ação. Pessoas que aprendem a saudar-se mutuamente como cidadãos do mundo futuro (...) não podem continuar muito tempo vivendo na antiga ordem de senhores e escravos. A mulher não pode continuar na posi-

ção de propriedade do marido (...) Igualmente não se pode mais justificar um regime estatal despótico.<sup>41</sup>

A esperança é um princípio de resistência, ativo, transformador da realidade desumana presente. Ela age primordialmente no cotidiano de cada pessoa, de cada comunidade que crê. A esperança que transcende nossas possibilidades nos incentiva a dar os passos possíveis já agora<sup>42</sup>. “Em toda parte tornam-se possíveis alguns melhoramentos e facilitações. O que era desumano pode, às vezes, tornar-se mais humano.”<sup>43</sup> Podemos pretender mais do que isto? Aqui devemos permanecer modestos. A implantação definitiva do reino de Deus não é efeito do “princípio esperança”. É obra de Deus. Mas aquele proporciona o “aperitivo do futuro”<sup>44</sup>, que nos prepara para a ceia com o Senhor no seu reino. Conhecendo o nosso limite, não nos daremos por satisfeitos com menos do que a realização cósmica da esperança.

## VIII.

Concluindo, retomo a metáfora do lavrador. Cristãos que somos, somos lavradores a preparar o chão da realização do reino do Senhor. Somos lavradores a cultivar a esperança, que se manifesta na perseverança, nos pequenos passos, na luta incansável, na alegria da antecipação do Reino, na certeza de sua realização. A radicalidade cotidiana da esperança não nos deixa abrir mão da promessa abrangente e nos impulsiona para uma ação ética correspondente a ela, pois isso é “guardar firme a confissão da esperança”<sup>45</sup>.

## Bibliografia

- ALVES, Rubem. *Creio na ressurreição do corpo*; meditações. Rio de Janeiro, CEDI, 1982. 73 p.
- BORNKAMM, Günther. *Paulo*; vida e obra. Petrópolis, Vozes, 1992. 287 p.
- BRAKEMEIER, Gottfried. A esperança na segunda vinda de Cristo em sua importância para a teologia do apóstolo Paulo. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, 9(1):8-19, 1969.
- . *Reino de Deus e esperança apocalíptica*. São Leopoldo, Sinodal, 1984. 152 p. (Estudos bíblicos NT, 8).
- BRANDT, Hermann. Ética e esperança. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, 14(1):1-13, 1974.
- . Prestar contas da realidade que há em nós — nas esperanças de hoje. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, 17(3):47-67, 1977.
- BULTMANN, Rudolf. Art. *elpis*. In: KITTEL, G., ed. *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*. Stuttgart, Kohlhammer, 1935. v. 2, p. 527-531.
- [COMISSÃO Fé e Ordem/CMI]. Um depoimento comum de esperança. Trad. Nelson Kirst. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, 19(2):107-118, 1979.
- CONZELMANN, Hans. *Grundriss der Theologie des Neuen Testaments*. 4. Aufl. Tübingen, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1987. 433 p. (UTB, 1446).

- EICHHOLZ, Georg. *Die Theologie des Paulus im Umriss*. 5. Aufl. Neukirchen-Vluyn, Neukirchener, 1985. 332 p.
- FOERSTER, Werner. Art. *sotso, soteria, ktl*. In: FRIEDRICH, Gerhard, ed. *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*. Stuttgart, Kohlhammer, 1964. v. 7, p. 966-1024.
- KÜMMEL, Werner Georg. *Síntese teológica do Novo Testamento de acordo com as testemunhas principais: Jesus, Paulo e João*. 2. ed. São Leopoldo, Sinodal, 1979. 379 p.
- MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da esperança; estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã*. São Paulo, Herder, 1971. 450 p.
- SCHWEIZER, Wolfgang. *Liberdade para viver; questões fundamentais da ética*. São Leopoldo, Sinodal, 1973. 191 p.
- WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo, Loyola; São Leopoldo, Sinodal, 1975. 335 p.

## Notas

- 1 Texto da preleção inaugural proferida no dia 17.3.1993 na Escola Superior de Teologia (EST) da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) em São Leopoldo.
- 2 *Estudos teológicos*, 10(1):8-19, 1969.
- 3 *Estudos teológicos*, 14(1):1-13, 1974.
- 4 Identidade e esperança, *Estudos teológicos*, 17(3):5-26, 1977.
- 5 Prestar contas da fé no Antigo Testamento e hoje, *Estudos teológicos*, 17(3):27-45, 1977.
- 6 Prestar contas da realidade que há em nós — nas esperanças de hoje, *Estudos teológicos*, 17(3):47-67, 1977.
- 7 Um depoimento comum de esperança, *Estudos teológicos*, 19(2):107-118, 1979.
- 8 Editora Sinodal, 1984, 152 p. Veja ainda Ervino SCHMIDT, A cruz de Cristo como fundamento da esperança cristã, *Estudos teológicos*, 18(1):17-27, 1978; H. KIRCHHEIM & G. WEHRMANN, Fé, amor e esperança, *Estudos teológicos*, 21(1):45-58, 1981; Rolf DROSTE, Fé, esperança, amor, *Estudos teológicos*, 21(3):160-172, 1981.
- 9 Ernst BLOCH, *Prinzip Hoffnung*, Frankfurt a. M., 1959, 1657 p.
- 10 Jürgen MOLTMANN, *Teologia da esperança*, São Paulo, Herder, 1971, 450 p.; veja Hermann BRANDT, *Ética e esperança*, esp. p. 6.
- 11 Jürgen MOLTMANN, “Das Prinzip Hoffnung” und die “Theologie der Hoffnung”; ein Gespräch mit Ernst Bloch, in: —, *Theologie der Hoffnung; Untersuchungen zur Begründung und zu den Konsequenzen einer christlichen Eschatologie*, 12. Aufl., München, Chr. Kaiser, 1985, p. 313-334; Walter ZIMMERLI, *Der Mensch und seine Hoffnung im Alten Testament*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1968, p. 163-178.
- 12 Cf. Hans CONZELMANN, *Grundriss der Theologie des Neuen Testaments*, p. 204; Hans W. WOLFF, *Antropologia do Antigo Testamento*, p. 208: “A promessa do Deus da esperança é a força para a luta contra uma desilusão dupla: alguns ensinam a esperar um além e desenganam, porque declaram o presente como desesperadamente imutável; outros afirmam que podem realizar com as suas próprias forças o céu de toda a salvação e decepcionam, arruinando desumanamente o presente.”
- 13 WOLFF, op. cit., p. 201.
- 14 ID., *ibid.*, p. 207.
- 15 J. Ph. RAMSEYER, art. “esperar”, in: J. J. von ALLMEN, *Vocabulário bíblico*, 2. ed., São Paulo, ASTE, 1972, p. 128.

- 16 Cf. BRANDT, *Prestar contas...*, p. 77.
- 17 = “pois/assim espero que”.
- 18 = “eu espero”.
- 19 = “esperança”.
- 20 Cf. também a questão da coleta, na qual as igrejas da Macedônia até superaram a expectativa de Paulo: 2 Co 8.5.
- 21 Cf. Hb 11.1, onde “o que se espera” é paralelo ao “que não se vê”; cf. também 2 Co 5.7.
- 22 CONZELMANN, op. cit., p. 212.
- 23 Cf. Fp 3.20s.
- 24 = “salvação”.
- 25 Werner FOERSTER, art. *sotso, soteria, ktl.*, p. 992.
- 26 Veja BRAKEMEIER, *A esperança...*, p. 11-12.
- 27 Op. cit., p. 207.
- 28 Cf. *ibid.*, p. 205; Günther BORNKAMM, *Paulo*, p. 244.
- 29 Veja CONZELMANN, op. cit., p. 206; BORNKAMM, op. cit., p. 245-246.
- 30 = “esperar/esperança”.
- 31 = “aguardar/ansiosa expectativa”.
- 32 Cf. Werner G. KÜMMEL, *Síntese teológica do Novo Testamento*, p. 165.
- 33 Veja 1 Co 9.16-18, onde Paulo fala de uma “obrigação” (*ananke*) que pesa sobre ele por força de sua vocação.
- 34 KÜMMEL, op. cit., p. 166.
- 35 WOLFF, op. cit., p. 204-208.
- 36 CONZELMANN, op. cit., p. 209.
- 37 Georg EICHHOLZ, *Die Theologie des Paulus im Umriss*, p. 273.
- 38 BORNKAMM, op. cit., p. 251.
- 39 MOLTSMANN, *Teologia da esperança*, p. 9.
- 40 Cf. BORNKAMM, op. cit., p. 251.
- 41 Wolfgang SCHWEIZER, *Liberdade para viver*, p. 12.
- 42 WOLFF, op. cit., p. 208.
- 43 SCHWEIZER, op. cit., p. 12; cf. BRAKEMEIER, *Reino de Deus...*, p. 49.
- 44 Rubem ALVES, *Creio na ressurreição do corpo*, p. 69; cf. WOLFF, op. cit., p. 208.
- 45 Cf. Hb 10.23-25.

Nélio Schneider  
Escola Superior de Teologia  
Caixa Postal 14  
93001-970 São Leopoldo — RS